

**A “redescoberta” da Baixada Fluminense:  
Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas  
e as concepções acerca de um território físico e simbólico**

**El “redescubrimiento” de la Baixada Fluminense:  
Reflexiones sobre las construcciones narrativas mediáticas  
y las concepciones acerca de un territorio físico y simbólico**

**The “rediscovery” of the Baixada Fluminense:  
Reflections about the narrative constructions of the media  
and the conceptions of a physical and symbolic territory**

Ana Lucia Enne<sup>1</sup>

**Palavras chave:**

Cultura

Baixada Fluminense

Discurso

Identidade

Disputa

**Resumo:**

Neste artigo, busca-se pensar a relação entre as concepções acerca de um território urbano – no caso, a Baixada Fluminense – e as construções discursivas produzidas na imprensa carioca e brasileira no decorrer da década de 1990. Analisando matérias jornalísticas que têm como objeto a Baixada, é possível perceber um deslocamento de sentidos acerca da mesma, através dos quais os jornais atuam como agentes legitimadores tanto da memória/passado quanto do projeto/futuro acerca da região. Neste sentido, entendemos que a conformação das identidades está fortemente atravessada pela dimensão da cultura, fazendo com que haja um embaralhamento entre as condições físicas e materiais de um espaço e suas apropriações simbólicas, gerando uma luta permanente em torno do imaginário acerca desse espaço enquanto lugar significado.

**Resumen:**

En este artículo, se busca pensar la relación entre las concepciones acerca de un territorio urbano – en este caso, la Baixada Fluminense – y las construcciones discursivas producidas en la prensa carioca y brasileña con el transcurrir de la década de 1990. Analizando artículos periodísticos que tienen como objeto la Baixada, es posible percibir un desplazamiento de sentidos acerca de la misma, a través de los cuales los periódicos actúan como agentes legitimadores tanto de la memoria/pasado como del proyecto/futuro acerca de la región. En este sentido, comprendemos que la conformación de las identidades está fuertemente atravesada por la dimensión de la cultura, haciendo con que haya una mezcla entre las condiciones físicas y materiales de un espacio y sus apropiaciones simbólicas, generando una disputa permanente alrededor del imaginario acerca de ese espacio como lugar significado.

**Palabras clave:**

Cultura  
Baixada Fluminense  
Discurso  
Identidad  
Disputa

**Keywords:**

Culture  
Baixada Fluminense  
Discourse  
Identity  
Dispute

**Abstract:**

The aim of this article is to reflect on the relationship between the conceptions of an urban territory – in this case, the Baixada Fluminense – and the discursive constructions produced in the Carioca and Brazilian press throughout the 1990s. By analyzing journalistic articles that have as an object the Baixada Fluminense, it is possible to notice a shift of meanings about it, by which the newspapers act as legitimizing agents of both memory/past and project/future of the region. In this sense, we understand that the conformation of identities is heavily crossed by the cultural dimension, so that there is a shuffle between the physical and material conditions of a space and its symbolic appropriations, generating a constant dispute around the imagery of this space as a signified place.

## **A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico**

Em 30 de abril de 1992, foi inaugurada a primeira etapa da chamada Linha Vermelha, via expressa que liga a Baixada Fluminense à cidade do Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Em 1994, a obra foi finalmente apresentada de forma completa aos moradores dessa região, fazendo a conexão direta com diversas outras vias expressas de grande importância, como a Avenida Brasil e as Rodovias Washington Luiz e Presidente Dutra. Com esta intervenção urbana, o tempo de percurso entre determinados municípios da Baixada e o Centro do Rio de Janeiro reduziu-se consideravelmente, fazendo com que muitas vezes a distância entre a Baixada e a capital do Estado fosse percorrida em menos de vinte minutos. No entanto, para além de ser uma evidente transformação no tecido urbano e sua malha de transporte, a criação da Linha Vermelha significou um importante marco na reconstrução simbólica do que se entendia por Baixada Fluminense e de sua distância não só física como simbólica do Rio de Janeiro.

Entendemos que as concepções acerca do urbano não são estáticas e sofrem variações a partir da construção e disputa de múltiplos discursos. Neste processo, os discursos midiáticos ocupam lugar central. Como afirma Eduardo Duarte, “o acúmulo de temporalidades na urbe ganha uma dimensão ainda mais complexa quando sobre essa perspectiva conceitual acrescentamos a dimensão dos meios de comunicação de massa” (2006, p.107). São agentes fundamentais na constituição de imaginários na e sobre a cidade. Mas, segundo Eduardo Duarte, é fundamental definir o que se entende por “imagens”:

Não se trata aqui de uma informação visual apenas, mas de uma informação conceitual, uma construção imaginária complexa montada a partir de fragmentos de realidade midiática que apontam para um sentido. O conjunto de referências visuais, sonoras, impressas, de expressões culturais das mais diversas: críticas, elogios, escândalos, belezas naturais, noções de cidadania que geram imagens de aspectos da cidade. As múltiplas imagens também condensam impressões, referências, sentidos, que por sua vez, no seu conjunto, geram uma imagem de toda a cidade. (2006, p.107)

Da mesma forma, Atília Arantes nos lembra que o estudo do urbano “virou sobretudo matéria de discurso”, pois “se trata de atos de fala performativos, pois a cidade também passou a ser aquilo que se diz dela” (2001, p.137). É neste sentido que temos pretendido, em nossas análises sobre a construção de identidades para a Baixada Fluminense, refletir sobre o papel dos múltiplos discursos e seus efeitos de sentido nesse processo.

Como demonstrei em outros trabalhos,<sup>3</sup> é possível perceber uma série de deslocamentos semânticos acerca da categoria *Baixada Fluminense* na grande imprensa carioca, indicando como, historicamente, as representações acerca da região são transformadas, diluídas, negociadas pela narrativa midiaticizada, com consequências claras não só nas concepções do senso comum sobre a Baixada, mas na própria experiência vivida pelos moradores da região. Assim, podemos detectar, no decorrer dos últimos cinquenta anos do século XX, um deslocamento na percepção acerca da região, que, de um lugar ermo, até então agrário e que vinha sendo basicamente ocupado por sistemas de loteamento para migrantes que trabalhavam na capital, viria a ser representada na grande imprensa como um lugar mar-

cado por diversos problemas, destacando-se, principalmente, a questão da violência e do abandono pelo poder público.

Neste sentido, em especial no decorrer das décadas de 1970 e 1980, a Baixada Fluminense foi regularmente caracterizada, na grande imprensa carioca, como um “outro” exótico e perigoso, “terra sem lei”, “terra de ninguém”, lugar da falta de ação política e policial, um espaço de desmandos, pobreza, insegurança, valas negras, falta de cultura e atraso, dentre algumas das muitas concepções negativadoras que encontramos no decorrer de nossos levantamentos em pesquisas.<sup>4</sup> Mais ainda: esse “outro”, temido e desvalorizado, se encontrava fisicamente distanciado, vivendo em lugares distantes da zona Sul, do centro do Rio de Janeiro, de suas “belezas”, valores e pessoas. Tratava-se, de acordo com esse sistema representacional hegemônico, de uma periferia no sentido territorial e cultural, tanto física quanto simbolicamente um “outro” a ser temido, evitado, desprezado, ridicularizado, diminuído.

Mostrei em minha tese de Doutorado<sup>5</sup> o quanto essa imagem negativa suscitou dolorosos e traumáticos estigmas, que irão reverberar em uma série de respostas discursivas e práticas daqueles que a sentiam mais fortemente, em especial os que viviam na Baixada e precisavam manter um contato permanente com o “centro”, o Rio de Janeiro.

Sabemos, no entanto, que as atribuições “centro” x “periferia”, bem como a lista de valores que permitem classificar um objeto – seja ele uma pessoa, uma coisa, um lugar etc. – como melhor ou pior, são historicamente construídas, e, portanto, encontram-se permanentemente em processos de transformação. Neste artigo, enfocarei especialmente um contexto histórico específico, a década de 1990, quando uma conjunção de fatores irá permitir que essa configuração narra-

tiva novamente se desloque, gerando representações positivadas para a região.

Alguns fatores, a meu ver, se destacam quando pensamos neste processo de transformação do olhar acerca da Baixada Fluminense. Entendo, a partir de observação no decorrer das pesquisas e, principalmente, das falas sobre esse ponto que apareceram em diversas das entrevistas que realizei com moradores da Baixada em fins dos anos 1990, que a Linha Vermelha, cuja inauguração abordei no início desse artigo, seja um marco fundamental neste processo de deslocamento semântico acerca da Baixada. Mas, para além desse aspecto, podemos perceber também que a Baixada passou a ser alvo de investimentos públicos e privados, como abordaremos neste artigo, que lhes forneceram signos simbolicamente associados, via visão da grande mídia e suas posições políticas, aos ideais de modernização e progresso: remodelação de suas vias urbanas, chegada de novas fábricas e empresas, surgimento de shoppings centers e disponibilidade de ofertas em termos de consumo relacionadas a um crescimento no poder aquisitivo e cultural de seus moradores, dentre outros fatores. Para trabalharmos esses aspectos, iremos analisar uma série de construções discursivas apresentadas em reportagens da grande imprensa carioca no decorrer dos anos 1990 e início da década de 2000. Antes, porém, precisamos tecer algumas considerações sobre as relações entre a produção discursiva e a semantização dos espaços físicos.

### **1. Discursos e produção de sentido: a transformação do espaço em lugar significado**

Sendo uma expressão socialmente construída, múltiplos agentes e agências se apropriam desta categoria de “Baixada Fluminense” para emprestar-lhe os mais diversos significados através de múltiplas

construções discursivas. Todo discurso seria constituído de processos parafrásticos e processos polissêmicos. A paráfrase relaciona-se aos processos “pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.” Ela estaria, portanto, ligada à continuidade do discurso. Já a polissemia estaria ligada ao “deslocamento”, à “ruptura dos processos de significação.”<sup>6</sup>

Quando pensamos nas mais diversas formas com que os muitos agentes que lidam com a categoria “Baixada Fluminense” irão utilizá-la, podemos perceber a presença de tais processos relativos à paráfrase e à polissemia. Tal categoria terá sentidos partilhados, especialmente quando relacionados a um contexto geográfico ou como referência espacial. Mas, ao mesmo tempo, são muitos os significados associados à mesma expressão, ultrapassando os sentidos partilhados e propondo novas interpretações para a mesma categoria. Portanto, embora os sujeitos estejam falando de uma “Baixada Fluminense” de forma geral – relacionada a um condicionante geográfico -, ao examinarmos de forma mais apurada as construções discursivas apresentadas veremos que não se trata de uma “Baixada Fluminense”, mas de diversas “Baixadas Fluminenses”.

Podemos pensar, neste sentido, a própria concepção de “baixada”. Geograficamente, esta seria definida, como “planície entre montanhas”.<sup>7</sup> Dalva Lazaroni, por exemplo, afirma que “as planícies, aqui, receberam o nome de Baixada Fluminense.”<sup>8</sup> Já a categoria “fluminense” costuma ter a seguinte interpretação: a palavra seria derivada de “flumen”, ou “rio” em latim.<sup>9</sup> Assim, a região da “Baixada Fluminense” seria aquela em que terras baixas, planas, seriam recortadas por rios e em boa parte alagadas, o que caracterizaria a área que iria do pé da serra e se estenderia por uma grande parte do Estado do Rio. Dessa forma, os

rios que atravessariam tais regiões baixas exerceriam papéis fundamentais na configuração econômica e social das mesmas, tanto de forma positiva quanto negativa.

As construções discursivas que apontam para a importância da rede fluvial dentro da BF aparecem com frequência nos trabalhos produzidos acerca da Baixada Fluminense, os quais examinei em minha tese (2002). Em alguns momentos, os rios são vistos como fator de progresso, permitindo a navegação e, conseqüentemente, que a Baixada exercesse a função de “caminho” para a circulação de diversas produções, como o açúcar, os metais e o café, embora para este já se utilizasse, de forma mais sistemática, as ferrovias como principal via de escoamento. Para exemplificar, podemos citar a seguinte passagem: “a vasta bacia hidrográfica que (hoje) compõe a chamada “Baixada Fluminense”, no Estado do Rio de Janeiro, muito contribuiu para a fixação do homem à terra.”<sup>10</sup>

Já em outros textos, são os rios – ou melhor, as conseqüências de um processo de “abandono” das terras produtivas após a abolição da Escravidão e o surgimento das ferrovias, que teria resultado em assoreamento das redes fluviais e alagamento das terras baixas, criando charcos que ajudaram a proliferar as doenças endêmicas, como muitos defendem – os responsáveis pela “decadência” da região, após sua “fase de opulência” no século XIX.

Portanto, a concepção da “Baixada Fluminense” como um conjunto de “terras baixas cortadas por rios” já traz embutida uma concepção polissêmica acerca do sentido do segundo termo da expressão, já que a ideia de que fluminense está associada aos rios pode ser pensada de forma positiva ou negativa, dependendo do enfoque. Da mesma forma, como demonstrarei adiante, a concepção de “baixada” também será objeto de múltiplas apropriações.

A maior parte dos agentes sociais que lidam com memória e história na Baixada opta por esta concepção geográfica e esta denominação – “Baixada Fluminense” - para definir o que seria a região estudada ou descrita por eles, embora alguns autores defendam a denominação de “Recôncavo da Guanabara”, “Recôncavo da Baía”, “Recôncavo guanabarinense”, “Recôncavo fluminense” ou ainda “Baixada da Guanabara”. Em termos gerais, no entanto, a classificação “Baixada Fluminense” é a mais utilizada. Mas mesmo onde aparentemente se percebe um consenso, é possível perceber apropriações diversas, que emprestam significados distintos a essa mesma noção.

Em primeiro lugar, há uma proliferação de critérios para designar, a partir da aceitação da denominação de que aquela seria uma “baixada”, quais os municípios que compõem este espaço. Podemos perceber, na análise do material jornalístico selecionado para este artigo, variações acerca desta composição, como demonstram os grifos que assinala nas matérias. Essa variedade de critérios, como demonstrei em minha tese, pode ser encontrada também nos diversos textos acadêmicos que buscam refletir sobre a região. A partir do mapeamento que realizei, detectei, no que tange ao estabelecimento de regras para definir quantos e quais municípios iriam compor a região, alguns critérios diferenciados e, inclusive, antagônicos.

Mas, para além da diversidade em termos de referências geográficas, a categoria “Baixada Fluminense” vai assumir também uma série de outros significados, se apresentando como um signo em permanente construção semiológica, a partir dos contextos e das interações. Ou seja, se em primeiro lugar é possível perceber as divergências em termos da própria definição territorial do que seria a “região da Baixada Fluminense”, no seu sentido mais fiel à própria origem dos termos “baixada”

e “fluminense”, ambos de matriz geográfica, não podemos perder de vista que esse é somente um dos campos de sentidos com que nos defrontamos. A categoria “Baixada Fluminense” vai ser apropriada a partir de muitas outras referências, e em muitos casos associada a valores positivos e negativos. Só para citarmos um exemplo explícito de que os termos podem ser carregados de significados conotativos, a própria palavra “baixada”, que de forma genérica designa geograficamente uma “região de terras baixas”, tomando como referência o nível do mar, para alguns está diretamente associada a uma idéia estigmatizante: a região teria sido denominada de “baixada” para indicá-la como inferior, como “algo que está abaixo”. Neste sentido, podemos citar a declaração de um dos entrevistados em minha tese: “a palavra baixa também se refere a baixo, na realidade não tem nada a ver, é uma riqueza cultural muito grande.” Assim, “baixada”, nesta acepção, seria associada diretamente à idéia de “rebaixada”, algo que está hierarquicamente abaixo. Ou ainda a observação outro entrevistado de que a partir do momento que o “Recôncavo da Guanabara” – para ele o nome correto para a região – passou a ser chamado de “Baixada Fluminense”, ele passou a receber um “tratamento pejorativo”. Tal posição é compartilhada por um terceiro entrevistado, que vai declarar que “Baixada Fluminense passou a toponímia pejorativa, não rara soando como sinônimo de crime, corrupção e contravenção” (2002).

Assim, muito mais do que nos depararmos com uma região geograficamente delimitada, temos incidindo sobre o conceito de região referências outras que não a dessa ciência. Por isso, a BF vai ser pensada tanto como uma “terra da violência” quanto um “local de importância histórica para o Brasil”; ou como um “local distante e temido” ou, inversamente, um “bom lugar para se viver”; tanto quanto uma “região de problemas sociais crôni-

cos” como uma “região com valores escondidos que precisam ser descobertos”, entre outras conotações possíveis. As características que são associadas à categoria de “Baixada Fluminense” não são estáticas, ao contrário, são fluidas, e estão sendo construídas em fluxos e interações dos mais diversos.

Portanto, há um nítido processo polissêmico na produção da categoria “Baixada Fluminense”, ou seja, há uma produção múltipla de sentidos para uma mesma unidade (ou diversas) verbal ou não-verbal. Partindo do pressuposto de que todo discurso é uma construção social, em que os sujeitos, a partir de enunciados que lhes são anteriores e posteriores, vão produzir significados para as palavras e imagens, podemos entender que estas sempre são resultado de uma produção social de sentidos.<sup>11</sup> Ou, como define M. Bakhtin, “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una.”<sup>12</sup>

Assim, são muitas as apropriações, em termos de significados, da expressão “Baixada Fluminense”. Mas, sem dúvida, as referências de pertinência mais imediata ao pensarmos a BF são as de cunho geográfico, explicitamente pela referência direta da categoria a marcos típicos desta disciplina, como as próprias noções de “baixada” e “fluminense”, além de pensar os limites associados à sua composição, em especial na escolha dos municípios que a integram. Entender a construção dos discursos polifônicos sobre a Baixada tem, necessariamente, de partir deste campo geográfico para a percepção das diferentes apropriações que serão feitas pelos agentes e agências sociais estudados.

Porém, antes de explicarmos quais as concepções associadas a estes termos, é preciso lembrar alguns pontos fundamen-

tais: em primeiro lugar, a classificação do que seria essa tal “Baixada Fluminense”, em termos espaciais, está longe de ser uma unanimidade, ao contrário, é um ponto de dispersão constante de interpretações que ora se complementam, ora se chocam, podendo ser percebida como uma categoria objeto de conflito mais do que de consenso; em segundo lugar, não podemos perder de vista que os espaços geográficos são, antes de tudo, espaços sociais, resultantes de intervenções e interpretações, motivadas muitas vezes por preocupações externas à própria lógica da Geografia.

Sobre este segundo ponto, alguns conceitos se apresentam como fundamentais, entre eles os de região, lugar, espaço e território. Antes de tudo, precisamos pensar de que forma uma mesma área pode ser construída de forma múltipla a partir das diferentes referências dos agentes sociais. Uma cidade, ambiente urbano complexo, deve ser pensada a partir da construção social que se faz dela. Da mesma forma que pensamos as identidades como construídas em perspectivas interrelacionais, as noções de região, lugar e território devem permitir um debate com os conceitos mais estritamente ligados à Geografia e às noções que se estabelecem em outras ciências, especialmente na Antropologia.<sup>13</sup>

O conceito de região passou, historicamente, por diversas transformações no domínio da Geografia. De uma concepção clássica, relacionada com os primórdios da disciplina, até as abordagens atualizadas, o conceito foi alterado de maneira significativa. Assim, autores como Paulo Cesar Gomes e Marcel Roncayolo<sup>14</sup> apontam para estas distinções e indicam um desenvolvimento histórico para o conceito.

De acordo com a geografia clássica, especialmente aquela defendida por nomes como Vidal de La Blache, região remeteria primordialmente à noção de região natural, onde o ambiente teria total

influência sobre o padrão de vida que se estabeleceria nas diversas áreas. Neste sentido, a natureza seria o aspecto dominante a definir de que se entenderia por região, classificada de acordo com uma série de atributos distintivos que definiria os diversos tipos de região (região da montanha, região das planícies, etc.).<sup>15</sup>

O conceito de região funcional, como aquela que abriga os movimentos e trocas que se organizam em um espaço estrutural, paulatinamente vai substituindo as primeiras explicações onde a natureza desempenha papel fundamental. No entanto, esta concepção será criticada por aquela que ficou conhecida como geografia radical, que entra em voga a partir da década de 70. De inspiração marcadamente marxista, esta vertente aponta para as concepções anteriores de região como modelos impregnados de ideologia dominante, onde a diferenciação do espaço é pensada de forma naturalizada e não como fruto da “divisão territorial do trabalho e do processo de acumulação capitalista que produz e distingue espacialmente possuidores e despossuídos”.<sup>16</sup>

Em meados da década de 70, surge uma nova corrente, de base humanista. Autores diversos vão chamar a atenção para o papel do homem como constituidor do espaço. Noções como “consciência regional”, “sentimento de pertencimento” e “mentalidades regionais” passam a ser fundamentais. Sobre esta corrente, afirma Gomes: “Neste sentido, a região existe como um quadro de referência na consciência das sociedades; o espaço ganha uma espessura, ou seja, ele é uma teia de significações de experiências, isto é, a região define um código social comum que tem uma base territorial”.<sup>17</sup>

Esta última corrente, que passa a considerar a região como fruto da interação e definida a partir das relações culturais e sociais que a envolvem, me

parece pertinente para pensar a situação da “Baixada Fluminense”, cuja definição espacial, no entanto, se dá a partir de critérios naturais em um primeiro momento. Mas o importante é pensar, a meu ver, como um conceito comporta tantas possibilidades na maneira como será definido. Os atores sociais constroem o espaço que configura a Baixada de múltiplas formas, inclusive a partir de referências geográficas no sentido mais literal do termo. Mas as fronteiras e os limites da Baixada são operados a partir de práticas e interações cotidianas, sendo reconstruídos na experiência diária de seus moradores, em situações de contato com outros moradores ou com pessoas de fora e a partir do discurso oficial (especificamente das autoridades municipais e estaduais), da mídia e das manifestações culturais.

De certa maneira, estamos lidando com operações de negociação onde os agentes sociais estão buscando se apoderar de determinada noção que corresponde à região. Neste sentido, podemos nos remeter à raiz etimológica de região, que tem em *regio* sua sustentação.<sup>18</sup> É importante reparar que o radical *reg* também funda palavras como *regente*, *regina* (rainha) e *regência*, todas palavras que remetem à domínio e a poder. De certa forma, a luta pela apropriação do conceito de Baixada e de região, como demonstrei adiante, remete ao sentido etimológico da palavra. Trata-se de se apoderar de um domínio, de um território a ser construído cotidianamente, de ter uma base espacial para a organização da ação política.

Aqui, o conceito de território também merece uma avaliação. Marcelo José de Souza nos aponta um caminho a ser traçado:

O território (...) é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. A questão primordial, aqui, não é, na realida-

de, quais são as características geológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. Estes aspectos podem ser de crucial importância para a compreensão da gênese de um território ou do interesse por tomá-lo ou mantê-lo, (...) mas o verdadeiro Leimotiv é o seguinte: quem domina ou influencia e como domina e influencia esse espaço?<sup>19</sup>

Portanto, a questão central, no que se refere à noção de território, é sua associação com a esfera do poder. Neste sentido, o conceito de território, tanto quanto o de região, afasta-se do sentido geográfico e aproxima-se mais de uma noção política e administrativa. Assim, o controle sobre o território é fundamental para o estabelecimento do que Max Weber vai chamar de comunidade política.<sup>20</sup> Se, como Michel Foucault, entenderemos que “existe uma administração do saber, uma política do saber, relações do poder que passam pelo saber”, poderemos pensar que elas remetem a “noções como campo, posição, região, território” e que o “termo político-estratégico indica como o militar e o administrativo efetivamente se inscrevem em um solo ou em formas de discursos.”<sup>21</sup>

Novamente, Souza, de maneira similar a Gomes e Roncayolo, procura demonstrar de que forma o conceito de território – à maneira de região – sofreu transformações em seu desenvolvimento histórico. Assim, território primeiramente era pensado como “espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social”.<sup>22</sup> Para o autor, o senso comum – reiterado por alguns pensadores, especialmente os ligados à Geografia Política – tende a relacionar território com Estado, o que empobreceria o conceito. Para Souza,

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades) (...), podem (...) formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo.<sup>23</sup>

Esta noção de território aponta para “territorialidades flexíveis”<sup>24</sup>, flutuantes e móveis. Para o autor, é impossível pensar a noção de território em sociedades urbanas complexas sem pensar, conjuntamente, a noção de redes sociais.<sup>25</sup> O autor propõe que se trabalhe com territorialidades superpostas, que permitam perceber como os atores em suas redes sociais constroem e desconstróem seus territórios, estabelecendo relações de poder e domínio que de fato implicam em significados diversos.

Uma interpretação proposta por Asa Briggs nos permite trabalhar com a possibilidade da construção social da categoria de lugar. Para o autor, é preciso distinguir espaço de lugar,<sup>26</sup> pois é através de processos de definição e significação que o espaço é transformado em lugar. Assim, o lugar é sempre resultado da experiência sobre o espaço. Ele considera essencial reiterar que as cidades seriam coleções de lugares tanto quanto a vivência do lugar em si. Acredito que esta seja a concepção fundamental a ser pensada aqui. Para além de ser um espaço geograficamente demarcado, ou nos termos do autor, um lugar em si mesmo, a “Baixada Fluminense” é uma coleção de lugares, todos resultantes dos contextos de interação e das experiências dos mais diversos agentes sociais. Portan-

to, um lugar não é uma categoria estática, mas o resultado de fluxos e interpretações diversas. Assim, ao analisar algumas representações verbais e imagéticas acerca de lugares, Asa Briggs aponta para o caráter polissêmico das mesmas: lugares são carregados de interpretação, sendo portanto construídos socialmente, e não somente espaços geograficamente dados. A semantização do espaço, dessa forma, cria os múltiplos sentidos para o que o autor chama de lugar, e, exatamente por isso, Briggs nos lembra que aos falarmos de lugares, na verdade estamos falando sobre a vida.

Partilhando das concepções desse autor, podemos partir do princípio de que o espaço no qual a BF está sendo pensada não é, portanto, somente um espaço físico, mas antes de tudo um espaço social, um lugar socialmente experimentado pelos diversos agentes que com ele interagem.<sup>27</sup> Portanto, é preciso desnaturalizar as idéias de região, território, lugar e espaço, que comumente aparecem relacionadas com a “Baixada Fluminense”, para perceber como através de fluxos constantes esses conceitos vêm sendo apropriados e reconstruídos.

O discurso produzido acerca da concepção geográfica do que seria “Baixada Fluminense” é, portanto, multivocal e conflitante, lócus nítido de uma relação de apropriação do significado e evocação de um poder de fala. Neste sentido, podemos pensar a indicação de Marcel de Certeau de que são os relatos que dão sentido aos espaços, transformando-os em lugares.<sup>28</sup>

A partir dessas reflexões mais teóricas, buscaremos agora mapear e analisar, ainda que forma breve de acordo com o cabível em um artigo, algumas das representações acerca da Baixada Fluminense narradas no discurso da imprensa a partir dos anos 1990, para entendermos como este lugar foi sendo resignificado, a nosso ver de forma estratégica, dentro de um projeto econômico e político.

## 2. Deslocando os sentidos acerca do que se entende por Baixada Fluminense

“Terra sem lei”, “Terra de ninguém”, “câncer vizinho”, lugar em que “a lei do gati-lho é tão natural quanto a lei da gravidade”. Estes são alguns dos termos que encontramos em jornais do Rio de Janeiro, no decorrer dos anos 70 e 80, para se referir à Baixada Fluminense. No levantamento que realizamos, detalhado em trabalhos anteriores, o volume de referências negativas sobre a Baixada é quantitativa e qualitativamente maior do que as referências positivas.

No entanto, em fins dos anos 1980, dois grandes jornais do Rio de Janeiro, *O Globo* e *O Dia*, criaram cadernos especiais para cobrir a Baixada Fluminense. Nestes cadernos, a ênfase das matérias jornalísticas, embora sem desconsiderar os problemas locais, deveria recair mais sobre boas notícias, aspectos positivos na vida dos moradores da região. Como repórter por cerca de dois anos de um desses cadernos, *O Globo Baixada*, lembro-me que invariavelmente ficávamos entusiasmados com a quantidade de coisas interessantes e positivas que “descobríamos” em nossas reportagens. Claramente, estávamos imbuídos do senso comum midiático acerca da Baixada Fluminense e nosso contato com aquele “outro” até então perigoso, só violência e pobreza, era sempre surpreendente.

Esse mesmo tom aparece na reportagem de capa do *Jornal do Brasil* na Revista de Domingo de 22 de julho de 1990. O título é evidência do que apontamos: “O outro lado da Baixada”, com o subtítulo esclarecedor: “A região mais pobre do estado derrota as estatísticas negativas com beleza e trabalho” (grifos nossos). A partir disso, a matéria toda gira em torno do deslumbramento do repórter com essa surpreendente Baixada Fluminense capaz de ter lugares bonitos, recantos pacíficos, quase interioranos, gente vivendo normalmente, não querendo sair de lá, com locais para se divertir

e atividades tidas como exclusivas da zona Sul acontecendo na região, como a moda e o funcionamento empresarial. Podemos destacar, para ilustrar, o seguinte trecho da reportagem (os grifos são nossos):

Jaceruba, com sua paz e sua surpreendente beleza natural, serve bem para mostrar que a Baixada Fluminense não vive só de manchetes policiais, das estatísticas da miséria e da realidade das valas negras. A região, que já atravessou o ciclo do ouro, teve grandes fazendas de café, abrigou extensos laranjais e hoje é sinônimo de violência e subdesenvolvimento, tem um lado desconhecido e fascinante, que vai do reggae e da poesia das favelas à água cristalina de rios e ao verde de matas intocadas". (...) "A pracinha de Jaceruba, na realidade um largo com chão de terra, algumas árvores nos cantos e casinhas simples ao redor, não sugere um clima de banguê-banguê. Ao contrário. No armazém da esquina até parece que o tempo parou.

Neste trecho, encontramos termos-chave desta relação com o outro desconhecido, mas já cristalizado em uma natureza negativada. O "lado bom" da Baixada é um "outro lado", "desconhecido e fascinante". Porque ela já tem um lado consolidado, "hoje sinônimo de violência e subdesenvolvimento". Neste sentido, a dimensão negativa não é pensada como representação, mas como natureza dada e constituída. A representação é o esforço simbólico do repórter, de oferecer mais um sentido àquele já consagrado. Assim, o repórter confessa que: "o visitante toma um susto quando chega a Jaceruba. Afinal, vai levando na bagagem informações nada otimistas". A realidade desmente, em parte, as construções discursivas do senso comum, mas não têm o poder de apagá-las. Elas permanecem, como a referência de fundo, de base, sobre a qual se constrói a ideia de que se está frente a um outro surpreenden-

te e inesperado. Por isso, após extensas sete páginas de reportagem, com textos e imagens, mostrando esse "outro lado da Baixada" através de referências à beleza natural, calma, tranquilidade, "jeito de roça", passado histórico, música, poesia, empresas de porte e espaços para a diversão, o repórter conclui que "tudo isso na Baixada Fluminense, a 40 minutos do Rio. Um pedaço de mundo que se aprendeu a chamar de feio e violento". O caráter pedagógico da representação é admitido pelo repórter, mas não de forma suficiente a fazê-lo questionar a possibilidade da não naturalização da Baixada e seu lado natural, ou seja, degradada, violenta e abandonada.

Essas sete páginas em 1900, mostrando que a Baixada tem "um outro lado", ainda não são capazes de cortar o espanto de outros jornalistas com aspectos positivos encontrados em municípios da região. Em 24 de março de 1996, o *Jornal do Brasil* publicou uma extensa reportagem sobre o ranking de qualidade de vida na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro feito pelo IBGE, onde o município de Nilópolis, localizado na Baixada Fluminense, aparece em 3º lugar, só sendo superado por Niterói e pelo Rio de Janeiro, respectivamente primeiro e segundo lugar. O estranhamento que tal colocação causou pode ser medido pela própria caracterização dada pelo *JB* à informação, pois na chamada superior da página destinada a Nilópolis podíamos ler: "a cidade-surpresa".

Em 20 de dezembro de 2001, uma nova matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* apresentava os dados levantados pelo IBGE no Censo 2000 acerca das condições de vida nas cidades do Estado do Rio, em que Nilópolis e Niterói aparecem nos primeiros lugares nos índices de saneamento e alfabetização, superando o Rio de Janeiro. O título "Rio é lindo, mas Nilópolis é melhor", embora presente a classificação da segunda tomando a capital como referência, não

parece apresentar, de forma explícita e à primeira vista, uma possível surpresa com o lugar obtido pelo município da Baixada. No entanto, no segundo parágrafo da matéria, o tom de surpresa se revela novamente: “Na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio, o município de Nilópolis surpreende”. Cinco anos depois, o próprio jornal desconsidera matéria divulgada nele mesmo em que a qualidade de vida do município já era atestada pelo IBGE e continua se “surpreendendo” com a colocação obtida por Nilópolis.

Podemos ver, com estes exemplos, o quanto é difícil desconstruir estigmas e preconceitos cristalizados discursivamente. No entanto, mesmo com as surpresas acima demonstradas, é possível perceber, no decorrer dos anos 1990, um esforço via grande imprensa carioca e nacional de apresentar a Baixada como um lugar em transformação, prestes a perder suas características negativas e se transformar no “novo ABC”, em um lugar de promissoras investimentos e condições de mercado, como veremos nos exemplos a seguir, que se sucedem no decorrer da década de 90 (grifos nossos).

**Exemplo 1** – Matéria da Revista Isto É, de 16/8/1995 (duas páginas)

Título: “Baixada em alta”

Subtítulo: “Famosa pelos índices de criminalidade, a Baixada Fluminense dá meia-volta rumo ao desenvolvimento”

Trechos em destaque:

- “A Baixada Fluminense está preparando uma surpresa para aqueles que guardam da região a imagem de um cenário de banguê-banguê – lugar empoeirado, sem infra-estrutura e com tiros zunindo por todos os lados. Embalados por investimentos públicos e privados, **os sete municípios** onde habitam cerca de quatro milhões de pessoas experimentam um surto de desenvolvimento e otimismo nunca visto. Aos poucos, a carência abre espaço para uma classe média cada vez

mais exigente, com hábitos modernos e preferência por griffes típicas dos consumidores da zona sul do Rio de Janeiro. Existe até uma high society emergente, que frequenta os points mais badalados da Cidade Maravilhosa e viaja frequentemente ao Exterior, mas não abandona a Baixada por nada deste mundo. Para esses, o lugar está mais para Miami do que para o Velho Oeste”.

- “A rigor, o grosso dos investimentos ainda está por vir. Mas a progressiva melhora dos serviços disponíveis já é suficiente para resgatar a auto-estima da Baixada. “A única diferença entre Nova Iguaçu e Ipanema é a praia”, **exagera** Carlos Emílio Targueta, 34 anos, frequentador do aeroclube local”.

- “Esse orgulho de viver na Baixada bate de frente com a ideia ainda arraigada na maioria dos cariocas sobre a região”.

- “Na verdade, quando se fala em poder aquisitivo, Nova Iguaçu, a “capital” da Baixada, já chega perto da badalada Barra da Tijuca”.

- “Nova Iguaçu está levantando um moderno shopping Center à beira da rodovia Presidente Dutra, que liga o Rio a São Paulo, em uma área de 103 mil metros quadrados. (...) Mais três shoppings estão sendo construídos em Duque de Caxias e são João de Meriti. Um deles, o Grande Rio, **chega a requintes de sofisticação** (...)”.

“Esse lado chique da Baixada não surgiu do dia para a noite. Pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro afirmam que o fenômeno é resultado da migração da classe média, insatisfeita com a decadência da metrópole carioca”.

“**Até mesmo** no fechado círculo da moda, o conceito de Baixada Fluminense mudou. Há alguns anos, seria impensável que um estilista da região conseguis-

se sucesso nas luxuosas passarelas da zona sul do Rio”

Temos, nesse exemplo, interessantes marcos discursivos para analisar. A palavra “surpresa” está lá, mas não é mais o repórter que se confessa surpreso, mas sim será o leitor a ser surpreendido com as mudanças que estão se operando na região, e o repórter sabe o porquê: um enorme investimento público e privado, uma classe média emergente, hábitos de consumo modernos etc. Mas o repórter tem dúvidas: estão lá as pistas discursivas que nos permitem que ele considera “exagerado” comparar Nova Iguaçu com Ipanema e o uso da palavra “até” nos mostra o quão impensável é a existência de uma “high society” local e o fato dessa descoberta atingir “até mesmo” o mundo da moda, signos incontestes, na visão de mundo do autor da matéria, de modernidade e sofisticação. E o shopping chega até a “requintes de sofisticação” porque tem “a comunicação visual a cargo da Suzman Perejza – empresa que trabalha para a Walt Disney Corporation -, iluminação planejada pela Teo Konduis, uma das companhias mais famosas do mundo, e desenho paisagístico dos criadores de parques e jardins de San Francisco, nos Estados Unidos”. Convenhamos, parece nos dizer o repórter, é mais do que poderíamos esperar para uma região que sempre se pareceu com o “Velho Oeste”.

**Exemplo 2** – Caderno Economia de O Globo, de 26/01/1995

Título: “Investimentos de US\$ 920 milhões fazem da Baixada o ABC fluminense”.

Trechos em destaque:

- “O mais novo polo de desenvolvimento do Estado do Rio, quem diria, não fica na área da capital nem no Vale do Paraíba. Mais conhecida pela violência e a pobreza, a Baixada Fluminense vai receber nada menos do que US\$ 920 milhões em investimentos industriais em 1996. Ainda mais significativo é o percentual dos

investimentos de empresas privadas, em todo o Estado, que foi destinado para a região: os onze municípios da Baixada ficarão com um terço do total”.

- “Uma das principais vantagens que a Baixada oferece às indústrias em fase de instalação é o preço relativamente baixo dos terrenos (...). A proximidade do município do Rio de Janeiro – segundo maior mercado do país – e a confluência na região de vias de transportes para os outros grandes mercados são atrativos fortes o suficiente para segurar muitas empresas na Baixada”.

Mais uma vez, o uso de expressões estratégicas como “quem diria” e “nada menos” denuncia a falta de credibilidade e o espanto do jornalista com o fato dos investimentos estarem indo para a região da Baixada Fluminense. De “mais conhecida pela violência e a pobreza” à “ABC Fluminense” é a transformação digna de nota, ainda que anteriormente já existissem, na região, como demonstram matérias que se preocuparam, como indicamos, de mostrar “o outro lado”, investimentos industriais e empresariais. Mas agora é outro contexto: trata-se de uma virada, de uma transformação expressiva, facilitada porque a Baixada tem “vantagens” a oferecer. Além da localização estratégica em termos espaciais, como via de escoamento da produção do Rio de Janeiro, é preciso levar em consideração também o “preço relativamente baixo dos terrenos”, que, obviamente, não pode ser pensado sem levar em consideração o quanto a valorização/desvalorização dos mesmos esteve atrelada a construções imaginárias acerca da região. O que nos leva a refletir sobre um ponto-chave: a quem interessou, durante décadas, a afirmação de uma imagem negativa sobre a Baixada Fluminense, atrelada a ideias como violência e pobreza, quando em sua história a região sempre se mostrou muito mais complexa e diversa? Neste sentido, a mídia cumpre aí um duplo papel bastante

significativo: sua retórica narrativa acerca das condições insalubres da Baixada, tanto material quanto socialmente, ajudaram a desvalorizar as terras na região; e em meados dessa mesma década, essa mesma mídia, através da construção de uma representação que visa positivar a Baixada, irá ajudar a fermentar os negócios e investimentos nas localidades que a compõem. Essa relação entre a ação midiática e a prática mercadológica fica mais evidente quando analisamos o exemplo a seguir.

**Exemplo 3** – matéria de O Globo, de 27 de agosto de 1996

Título: “Potencial de investimentos da Baixada é tema de seminário”

Subtítulo: “Evento do jornal O Globo-Baixada visa a promover a região”

Trecho em destaque:

-“Para mostrar a investidores, empresários e entidades representativas da Baixada Fluminense que a região, apesar dos problemas sociais, é uma excelente área de negócios, o GLOBO-Baixada, jornal de bairro do GLOBO, promove amanhã o seminário “As novas perspectivas econômicas da Baixada”.

O jornal O Globo, neste caso, mais do que um narrador da realidade, é o promotor da mesma, em especial em uma dimensão projetiva, visando “mostrar a investidores, empresários e entidades” que a região “é uma excelente área de negócios”, “apesar dos problemas sociais”, que a não ser como referência de um passado/presente em superação ou a ser superado, não recebem maiores atenções em nenhum dos exemplos jornalísticos analisados neste artigo. O tom agora é ufanista e celebratório. Trata-se de uma região em desenvolvimento, pronta a prosperar, sobre a qual não cabem análises que a desvalorizem, ainda que este agora um “outro lado”, um “apesar de”, ainda sejam problemas sociais que deveriam merecer, por parte do jornalismo, um olhar atento. A pergunta prossegue, embora seja impossível

uma resposta concreta: qual o interesse específico de O Globo nas ações empresariais na Baixada Fluminense em meados da década de 1990 a ponto do jornal explicitamente promover um Seminário de estímulos a investimentos na localidade?

O apoio às ações do governo federal e do governo estadual, ambos naquele contexto nas mãos de políticos do PSDB (Fernando Henrique Cardoso e Marcello Alencar, respectivamente) é explícito e engajado. As palavras que encerram a matéria, por exemplo, são de José Carlos Lacerda, secretário estadual de Desenvolvimento da Baixada Fluminense e de Municípios Adjacentes, que declara: “Eventos como estes só vêm confirmar o que tem se verificado nos últimos anos: o interesse na Baixada aumenta a cada dia. A região ainda vai dar o que falar”. Se entendemos que a construção da identidade, neste caso no que tange à região, é uma narrativa que envolve uma tríplice mimese, podemos perceber tanto a dimensão retrospectiva, associada à paulatina construção de uma memória negativa acerca da Baixada, quanto uma dimensão prospectiva, uma configuração projetiva em que o que se espera em termos de reconfiguração (os investimentos e uma “nova” Baixada Fluminense) já foram antecipados no texto.

**Exemplo 4** - matéria no Caderno Finanças da Folha de São Paulo, 15/10/1995

Título: “Rio redescobre a Baixada Fluminense”

Subtítulo: “A região, antes identificada com crimes de grande repercussão, deverá receber investimentos de mais de R\$ 3 bilhões até 1999”

Trecho em destaque:

- “Na busca de alternativas para a recuperação econômica do Estado, empresários, investidores e governo **estão apostando** em uma das regiões mais problemáticas e conturbadas do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense. Depois

de passar anos identificada apenas com crimes que tiveram repercussão nacional e internacional, como os extermínios do Esquadrão da Morte, o conjunto de dez municípios que forma a Baixada se prepara ara receber investimentos de mais de R\$ 3 bilhões até 1999”.

“Redescoberta” é uma boa palavra para pensarmos as ações midiáticas em torno deste “novo momento” da Baixada Fluminense. É como se a grande imprensa também “redescobrisse” esse objeto narrativo, que quase sempre, nas décadas anteriores, somente aparecia nas páginas policiais e excepcionalmente em uma matéria especial acerca de algum “outro lado”, como vimos, “apenas” identificada com crimes, em uma evidente confissão, via texto jornalístico, da simplificação da realidade social. Em meados de 1990, o jornalismo econômico “redescobre” a Baixada, que passa ser matéria em cadernos de finanças e negócios. Mas o “estão apostando” nos lembra, discursivamente, que se trata de uma ação de risco por parte dos empresários, já que a região é uma das mais “problemáticas e conturbadas” do Rio de Janeiro. Mas aparece, na matéria, novamente a referência a um item tranquilizador para atestar a modernidade: os shoppings (“O primeiro deve ser inaugurado ainda neste mês e os outros dois, em 1996”). Há ainda um box com a trajetória do empresário e morador da Baixada Carlos Duarte, que de motorista de ônibus estava, naquele contexto, construindo um dos 3 shoppings da Baixada, o Nova Shopping (os outros dois são o Shopping Grande Rio e o Iguazu Top Shopping), e que, “nascido em Nilópolis, critica quem deixa a região”. Em outro box, a trajetória de Ana Paula Nardelli, que trabalha na fábrica do refrigerante RC Cola, sendo filha do dono, mostra que a “herdeira se sente segura na região”, afastando narrativamente o medo da violência, e detalha que “ela gasta R\$1.200 em vestido de festa”, indicando claramente seu alto poder aquisitivo e sua vivência de consumidora moderna.

No entanto, a *Folha de São Paulo* é um pouco mais parcimoniosa acerca da transformação da Baixada Fluminense e teme que o processo de empoderamento de sua classe média esteja aumentando o fosso social entre novos-ricos e pobres na região. Para explicar esse fenômeno, busca apoio nas declarações do professor Luiz Cezar Queiróz Andrade, do Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal da UFRJ, que diagnostica que “os shoppings (...) e alguns condomínios fechados começam a explicitar a separação entre ricos e pobres na Baixada”. Mas termina a matéria com a fala do mesmo professor, dizendo que “Queiróz, no entanto, relativiza o risco de exacerbação da violência a partir desses guetos em gestação. “O Brasil não tem a cultura da segregação, como os Estados Unidos”, tranquiliza”. Tranquilizada, portanto, pelo especialista de que não há problemas em um aumento entre ricos e pobres com esse boom de investimentos na Baixada porque os pobres não ficarão mais violentos se segregados, a *Folha* procura tranquilizar também investidores e o leitor. E na retranscrição que se segue a essa matéria aborda diretamente a questão dos investimentos, mostrando que “o polo gás-químico de Duque de Caxias é a “menina dos olhos” do governo do Estado do Rio de Janeiro para o desenvolvimento da Baixada Fluminense”. Nesta matéria, mais uma vez chamando atenção para a questão das vias de acesso e escoamento na região, o repórter nos informa que “na área de transportes, o governo tem um projeto conhecido como Faixa Light”, que, assim como a Linha Vermelha, será outro marco espacial e simbólico importante na mudança acerca do imaginário sobre a Baixada.<sup>29</sup>

**Exemplo 5** - O Globo, Rio, 7/05/1995  
Título: “Baixada deixa a periferia para trás”

Trechos em destaque:

“A Baixada Fluminense começa a despertar de um sono de muitas mazelas e pouco dinheiro. Tal qual a bela adormecida,

que volta à vida após um beijo apaixonado, as conhecidas cidades-dormitórios estão sendo seduzidas pelo governador Marcello Alencar.(...) A Baixada começa a dar a volta por cima com a implantação de fábricas, shopping centers e casas noturnas.”

O tom do texto pode ser mais lírico, mas a mensagem é a mesma dos demais exemplos que aqui estamos analisando: a Baixada estaria deixando seu passado para trás. E fábricas, shoppings e casas noturnas seriam seu salvo conduto para a modernidade e para a inserção no estilo de vida metropolitano do Rio de Janeiro. A periferia, ao menos simbolicamente, “fica para trás”. Mas é preciso um príncipe encantado para despertar essa donzela adormecida em meio a “muitas mazelas e pouco dinheiro”. E para a repórter que assina a matéria, o grande sedutor seria o governador Marcello Alencar, que teria dado “longos passeios” na região na campanha eleitoral realizada no ano anterior e depois enviado, já eleito, emissários semanalmente, culminando no fato de que “o Governo **aposta** todos os trunfos nos **11 municípios** que são lembrados mais como redutos de notícias policiais ou doenças contagiosas”. Para a repórter, trata-se também de uma aposta, o que implica em riscos. Mas se “se a economia e a cultura prometem, o poder político é evidente na Assembleia Legislativa, onde 25.5% dos 70 parlamentares são da Baixada. Um bloco de 18 deputados de fazer inveja com seus 500.772 votos”. Ou seja, no campo da política não se tem mais dúvidas: a Baixada já deixou “a periferia para trás” e está, nas palavras do deputado federal e Secretário Estadual da Baixada, Nelson Burnier, “decolando”, inclusive, como nos informa o box da matéria, com ampliação do aeroporto de Nova Iguaçu.<sup>30</sup> Somados a isso, outros investimentos e atitudes políticas (“as prefeituras adotam um novo estilo de governo”) fazem com que “para o subsecretário da Baixada, Vicente Loureiro, a região está deixando de ser terra de ninguém e tem um potencial

de crescimento expressivo”. Interessante pensar que a ideia de que a Baixada não pertencia, em termos de imobiliários, a “ninguém”, de certa forma favorece a não apuração, por exemplo, acerca de quem teria se beneficiado com a valorização dos terrenos locais. O baixo preço das terras aparece, no entanto, nas palavras finais do sub-secretário (indicando, ao contrário, de que tratava de “terra de alguém”), que faz também, mais uma vez, a remissão às vias de transporte, nos lembrando o papel central da criação da Linha Vermelha: “Ele também aponta outras vantagens para atrair novos investimentos: o preço da terra mais barato que em outros lugares, como a Zona Oeste, por exemplo; facilidade de acesso pelas Rodovias Presidente Dutra e Washington Luiz, além da Linha Vermelha, e mão-de-obra perto do local de trabalho”.

Fechando a matéria, uma retranca com o título “Diversão é o mais novo filão da Baixada” e um box com o perfil de um “estilista que conquistou a Zona Sul”, mais uma vez associando a questão da moda ao modelo consumista de ascensão e modernidade.

**Exemplo 6** - Jornal do Brasil, caderno Especial no domingo, dia 11/05/1996 (12 páginas)

Especial “Baixada, um novo olhar”

Título da matéria principal: “Baixada sacode a poeira e dá a volta por cima”

Trechos em destaque:

- “A Baixada Fluminense sempre foi um emblema da indigência brasileira. Ora lembrada por suas carências, ora por seus índices de violência ou pela condição de região-dormitório de uma massa de trabalhadores que todo dia sai de casa ainda no escuro para dar duro no Rio. Mas **já não pode ser apresentada apenas assim**. A Baixada da poeira e da lama foi à luta e, hoje, à custa de um rio de investimentos privados – shoppings, indústrias, serviços... -, já e o quarto maior polo de consumo do país.”

“Durante seis semanas, o JORNAL DO BRASIL conviveu com a realidade dos **sete municípios** que compõem a Baixada Fluminense (...). Constatou que a demanda social é praticamente a mesma de dez anos atrás – só 5% das ruas, por exemplo, são asfaltadas -, mas descobriu um processo silencioso, e vertiginoso, de desenvolvimento econômico”.

“Some-se a isso a localização privilegiada – bem no eixo Rio-São Paulo-, o aumento do poder de consumo das classes C e D; a fartura de terrenos vazios, as melhorias na Via Dutra e a consolidação da Linha Vermelha, e aí está uma receita que explica as transformações que a região experimenta.”

Em suas doze páginas especialmente dedicadas às transformações ocorridas na Baixada Fluminense, o caderno editado pelo *Jornal do Brasil*, por si só, mereceria uma análise detalhada que extrapola o proposto neste artigo. Estão lá todos os pontos que temos destacado. Mas focaremos nossas observações na matéria principal e em uma retranca dedicada aos jovens da Baixada, porque trazem elementos que nos parecem importantes aqui. Na matéria que abre o caderno, a expressão “um novo olhar” sugere um ângulo bem diferente da expressão “um outro lado”, fazendo a conexão com outro especial sobre a Baixada editado pelo mesmo JB seis anos antes, como mostramos aqui. As referências ao passado negativo estão lá: a Baixada ora é “lembrada” por suas “carências”, “seus índices de violência” ou sua “condição de região-dormitório”. Não há como fazer com que esse imaginário desapareça de uma hora para outra, parecem nos dizer os dois repórteres que assinam a edição, fruto de seis semanas de mergulho jornalístico, como se preocupam em esclarecer (trata-se, portanto, de um produto do conhecimento, um “novo olhar” construído pela vivência, e não somente a fala de um sujeito de “fora” so-

bre o que ele não conhece), já que este imaginário é “emblemático” da “indigência brasileira”. Mas há algo de novo no que tange à Baixada Fluminense: ela “já não pode ser apresentada apenas assim”. O texto jornalístico facilita nossa interpretação e não deixa dúvidas: trata-se de uma disputa em torno da representação do que se entende por Baixada, e esse jogo se reconfigurou. Um indicativo forte, neste sentido, que aponta claramente para a necessidade dessa nova representação, em dimensão projetiva, é a retranca “Jovens esperanças”, com um retrato da juventude na Baixada, cujo título “Para eles, tudo vai dar pé”, juntamente com o subtítulo “Juventude da Baixada acredita no futuro, gosta do lugar onde mora e curta a vida no ‘Baixo Iguaçu’” são exemplos claros de um esforço narrativo de dissociar a fórmula lembrança/passado = negativo da fórmula projeto/futuro = positivo.

A violência e os problemas sociais, que evidentemente não haviam desaparecido enquanto realidade social na Baixada em meados dos anos 1990, não deixam de ser retratados no Caderno Especial do JB, ainda que de forma tímida e quantitativamente bem menor do que os pontos valorizados positivamente. Mas nada que próximo ao que sugere, por exemplo, o quadro descrito na reportagem que se segue, publicada um ano depois pelo mesmo JB, em que a lembrança dos dias de passado estigmatizado pela violência na região aparece ainda muito fortemente como presença.

**Exemplo 7** - Jornal do Brasil, Cidade, 8/11/1998

Título; “Baixada conta os seus mortos”.

Selo: “Terra sem lei”

Subtítulo: “Entre 1994 e 1997, o número de homicídios na região manteve uma média superior a dois mil casos por ano”.

Trechos em destaque:

“Enquanto no município do Rio o número de homicídios vem diminuindo,

a Baixada se mantém firme como região mais violenta do Estado".

"A Baixada Fluminense é a coroa de espinhos na cabeça da Cidade Maravilhosa" – compara Dom Mauro Morelli, bispo da Igreja Católica de São João de Meriti e de Nova Iguaçu".

"Apesar do discurso de que a região está crescendo, a Baixada continua a ser um lugar invisível, que só aparece em época de eleição", sustenta José Claudio".<sup>31</sup>

O que podemos perceber, analisando os exemplos mapeados, é um esforço de apagamento desses traços desabonadores. Assim, o sociólogo José Claudio Alves, entrevistado na matéria, identifica uma continuidade entre a prática discursiva ("de que a região está crescendo") e a invisibilidade no olhar sobre a Baixada, gerando representações reducionistas e simplificadoras de qualquer forma. Só que, como vimos, o esforço no decorrer da década de 1990 é de apagamento dos indícios negativos, que só devem ser percebidos como lembrança e passado, embora permaneçam na prática. Neste sentido, troca-se um estereótipo por outro.

Os dois exemplos que se seguem e encerram o nosso artigo são evidência clara neste sentido. Neles, vemos um espaço resignificado, gerando uma nova compreensão, via jornalismo, do que se entende por Baixada. Já praticamente não há necessidade de remissão às lembranças de um passado de desditas. A Baixada já "decolou", já se modernizou, "deixou a periferia para trás", já entrou definitivamente na ordem do consumo e da sociedade emergente, na percepção dos jornalistas. Vejamos:

**Exemplo 8:** Caderno de Economia de *O Dia*, 21/05/2000

Título: "Baixada emergente e sofisticada"

Subtítulo: "Perfil do consumidor muda e cada vez mais aumenta a exigência por qualidade de produtos e serviços"

Trechos em destaque:

- "É bom os empresários que pensam em investir na Baixada Fluminense ficarem atentos. A população de 3,5 milhões de habitantes está cada vez mais exigente em relação aos produtos que consome. A qualidade vem em primeiro lugar. **Pelo menos, é isso que apontam** pesquisas que estudam a região".

"O perfil das pessoas que moram na Baixada está mudando gradativamente. "A mudança pode ser sentida com mais intensidade de uns 20 anos para cá. Aconteceu uma migração da classe média que não tinha condições de pagar aluguel em outros locais e que encontrou na Baixada uma área apropriada", afirma Orlando Junior, sociólogo da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE). Ele aponta também a Linha Vermelha como um fator importante para essa mudança na Baixada".

"Apesar do avanço, o sociólogo Orlando Junior lembra que essa mudança no perfil da população da Baixada Fluminense é ainda pequena diante do que pode vir a ser feito. No entanto, para esse novo salto, acrescenta, é necessário um grande investimento, principalmente nas áreas de Saúde e Educação"

Segundo o jornal, os empresários, agora, precisam estar atentos. Não se trata mais de uma potência adormecida, arrasada por mazelas e pobreza. São consumidores exigentes, que se preocupam com a qualidade. Segundo o especialista, são migrantes, pessoas que já tinham esse perfil quando moravam fora da Baixada, não são originados de lá. A Linha Vermelha, novamente, é apontada como marco fundamental nesse processo, que precisa de investimentos mais sociais, também na concepção do sociólogo entrevistado, para dar

um “novo salto”. Mas no uso da expressão “pelo menos é isso que apontam pesquisas”, o repórter deixa escapar sua parcela de dúvida acerca da capacidade qualitativa do consumidor da Baixada. Teria ele, de fato, mudado tanto? Mesmo não dito, o discurso memorável deixa suas marcas.

**Exemplo 9** – Jornal *Extra*, 4/07/2002 – caderno especial com 4 páginas, dentro da rubrica “Extra Projetos de Marketing”

Título: “Panorama econômico da Baixada Fluminense”

Subtítulo: “Programa injeta US\$ 300 milhões na região”

“Formada por **13 municípios**, a Baixada é hoje um dos polos de desenvolvimento do Rio de Janeiro. Com mais de 3,5 milhões de habitantes – a maior concentração da área metropolitana – a região procura deixar no passado os motivos que a levaram a ser conhecida como uma das mais violentas do país e começa a exibir indicadores mais atraentes. Uma das iniciativas que demonstram a atenção que a região vem recebendo é o Programa Nova Baixada (PNB), orçado em US\$ 300 milhões”.

Novamente, vemos com clareza o interesse direto de um jornal, nesse caso *O Extra*, na mudança de perfil acerca do que se entende por Baixada Fluminense. Trata-se de um explicitado projeto de marketing. Portanto, é fundamental que a região “procure deixar no passado os motivos que a levaram a ser conhecida como uma das mais violentas do país” e comece “a exibir indicadores mais atraentes”. Novamente, investimentos públicos e privados se revelam essenciais. Na retranscrição principal, o título consolida essa “nova Baixada”: “A Baixada vai às compras”, em que mais uma vez são os shopping centers os grandes ícones dessa modernização e mudança de perfil. Para fechar o caderno especial, matérias sobre indústrias e o enaltecimento de Nova Iguaçu tanto como “pólo de cosméticos” como fonte de preservação ecológica, através da criação da Reserva Biológica do Tinguá.

### 3. Considerações finais

Como procuramos demonstrar nesse artigo, não é possível descolar os processos identitários acerca da região da Baixada Fluminense das narrativas que os conformam. Escolhemos, como foco deste trabalho, discursos midiáticos, recolhidos na grande imprensa carioca e brasileira, no decorrer da década de 1990, para evidenciar como, paulatinamente, houve um esforço de realocação das imagens sobre a Baixada, que em um primeiro momento ainda aparece muito atravessada pelos estigmas negativos que a descreveram fortemente no decorrer das décadas de 1970 e 1980, sendo ainda necessário um esforço para mostrar seu “outro lado” positivo e surpreendente, passando por um embate entre representações negativas e positivas, com a superação das primeiras (relegadas ao lugar de lembrança/passado) pelas segundas (projeto/futuro), até a consagração dessa nova Baixada “emergente e sofisticada”, preocupada com a “qualidade” e que não aceita mais qualquer coisa, estando ainda pronta para crescer mais.

Alguns pontos nos parecem fundamentais nestes exemplos. O primeiro é o caráter permanentemente processual e discursivo das identidades. Assim, os deslocamentos perceptivos via jornalismo sobre a Baixada incidem fortemente sobre o senso comum, como ele dialogando e o alterando. Neste sentido, acompanhando os principais estudos sobre memória e narrativa, entendemos que existem trabalhos de seleção, enquadramento, apagamento e realce atuando neste processo. A escolha das palavras, das imagens, dos temas nos textos jornalísticos analisados, bem como a angulação das composições, nos permitem entender como os trabalhos da memória são importantes, na tessitura narrativa, para gerar as interpretações e reconfigurações.

Neste sentido, para além de um espaço fisicamente demarcado, composto por municípios, distritos, bairros (o que por

si só já configura uma dimensão de luta, como foi possível observar quando percebemos, via grifos no decorrer dos exemplos, a variedade quantitativa como que a Baixada ia sendo representada em termos de municípios que a constituem), a Baixada Fluminense é um território atravessado, material e simbolicamente, por processos de disputas semânticas, de atribuição de sentidos, fazendo com que aquele espaço se transforme em lugares diferenciados, de acordo com as redes interativas e contextuais. Trata-se, portanto, de um lugar no sentido amplo do termo, um espaço significado, a partir de disputas diversas.

Por fim, gostaria de atentar para o quanto está luta semântica está incorporada a outras dimensões de luta, como a econômica e a política. Novamente, podemos nos perguntar: econômica e politicamente, a quem interessava a longa construção representativa da Baixada Fluminense como uma “terra de ninguém”, uma “terra sem lei”? Da mesma forma, a quem interessava a mudança deste perfil a partir de uma série de reportagens e cadernos especiais que celebravam o advento de uma “nova Baixada”? Quem ganhou com a especulação de seus terrenos desvalorizados no seu momento de boom econômico? Quem foram os agentes politicamente ativos nesse processo e quais os seus ganhos em todos os sentidos, dos pessoais aos partidários? O que significa, em termos práticos, a associação direta dos jornais *O Globo* e *O Extra* com os projetos de investimento na Baixada Fluminense?

Podemos pensar, considerando o que abordamos aqui, que mapeamos, neste artigo, um exemplo claro de como as identidades se configuram e se reconfiguram no campo discursivo, dentro de embates diversos, o que nos parece consolidar a constatação de que identidades são sempre processos culturais. Mas, mais do que isso, nos parece que o caso que analisamos neste trabalho, os deslocamentos em torno da representação midiática da Baixada Fluminense, são exemplos

claros do lugar central da cultura em todas as dimensões da vida cotidiana, em especial na economia e na política (HALL, 2003), que não podem, a nosso ver, ser tomadas sem levar em consideração a produção simbólica da realidade social, ao custo de simplificá-la e não compreendê-la em seus múltiplos aspectos e desdobramentos.

#### Bibliografia:

ARANTES, Otília. *Urbanismo em fim de linha*. São Paulo: EDUSP, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”. In: *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRIGGS, Asa. “The Sense of Place”. In: *The Collected Essays of Asa Briggs*. Great Britain: The Harvester Press, 1985.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DUARTE, Eduardo. “Desejo de cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade”. IN: PRYTHON, Angela (org.). *Imagens da cidade. Espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ENNE, Ana Lucia. “Fluxos e interações da rede de memória e história na Baixada Fluminense”. *Revista Pílares da História*, Duque de Caxias, v. Ano II, n. nº 2, p. 37-52, 2003.

ENNE, Ana Lucia. “Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações”. *Revista Ciberlegenda*, n.14, 2004a.

ENNE, Ana Lucia. “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: *memória, representações sociais e identidades*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ, 2002.

ENNE, Ana Lucia. “Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional”. *Revista Fronteiras*, Unisinos, v. VI, n. 2, p. 101-116, 2004b.

ENNE, Ana Lucia. "Memória e Identidade Social". Revista *Contracampo*, Niterói, v. 6, 2002.

ENNE, Ana Lucia. *Umbanda e Assistencialismo: um estudo sobre Representação e Identidade em uma Instituição da Baixada Fluminense*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ, 1995.

GOMES, Paulo C., CASTRO, Iná e CORRÊA, Roberto (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

FOUCAULT, Michel. "Sobre a Geografia". In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1986.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2003.

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. "Região regiões: visões e classificações do espaço social". In: ESTERCI, Neide, FRY, Peter e GOLDENBERG, Mirian (orgs.). *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RONCAYOLO, Marcel. "Região". In: *Região*. Enciclopédia Einaudi, vol. 8. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". In: CASTRO, Iná, GOMES, Paulo C. e CORRÊA, Roberto (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VERÓN, Eliseo. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix/USP, 1980.

WEBER, Max. "Las Comunidades Políticas". In: *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1944.

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia e professora de Estudos de Mídia e da Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha\\_Vermelha\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Vermelha_(Rio_de_Janeiro)), acessada em janeiro de 2013.

<sup>3</sup> ENNE (2002) e ENNE (2004).

<sup>4</sup> Venho pesquisando a questão da construção de imaginários sobre a Baixada Fluminense desde 1993, quando iniciei meu percurso acadêmico no mestrado em Antropologia (PPGAS/MN/UFRJ), com dissertação sobre uma instituição beneficente em Nilópolis, a SOBENCO (ENNE, 1995). Posteriormente, defendemos tese em Antropologia, também no Museu Nacional, sobre a temática da memória, história e identidade na Baixada Fluminense (ENNE, 2002). Com o apoio do edital PRODOC/CAPES e do edital Primeiros Projetos/FAPERJ, desenvolvemos pesquisa sobre "imagens da Baixada na imprensa fluminense". Com o apoio da FAPERJ, através do edital Direitos Humanos, desenvolvemos, em uma parceria entre o LACED, do PPGAS/Museu Nacional, e o LAMI, do PPGCOM/UFF, uma pesquisa sobre adolescentes e práticas institucionais na Baixada. E estamos fechando agora, com apoio do Edital Jovens Cientistas do Nosso Estado/FAPERJ, pesquisa sobre o tema "Das casas de cultura às ONGs na Baixada Fluminense: uma reflexão sobre cultura, política, mídia, mercado e juventude".

<sup>5</sup> ENNE (2002).

<sup>6</sup> ORLANDI, 1999, p. 36. Neste sentido, podemos pensar também as contribuições de M. Bakhtin acerca do caráter dialógico e polifônico do discurso.

<sup>7</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Verbetes "Baixada". *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 220.

<sup>8</sup> LAZARONI, Dalva. *O município de Duque de Caxias. Sua terra, sua gente, sua economia, sua história*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990, p. 23.

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, Ney Alberto, no artigo "De Iguassú a Iguazu (II)", no item "Por que somos Fluminenses?", em que ele explica que "Fluminense vem de 'flumen, rio em Latim, porque os exploradores da Baía de Guanabara, no mês de janeiro, julgaram que tais águas eram de um caudaloso rio...". In: Revista *Memória*, Ano I, nº 2, 1998, p. 15. É interessante observar que alguns dos agentes também indicam que "Iguassu" teria, na etimologia tupi, o significado de "grande água", apontando também para o mesmo ponto que o termo latino.

<sup>10</sup> *Revista Memória*. "Tipos e Aspectos na Baixada Fluminense". Separata I, junho/98, p. 1.

<sup>11</sup> Como demonstrarei em outros momentos desse trabalho, a produção de sentidos é marcada por condições de produção e posicionamentos dos sujeitos envolvidos nessa produção, o que implica em uma relação de forças e uma disputa em termos de poder, principalmente de uma autoridade sobre o que se fala. Eliseo Verón aponta para a importância de refletirmos sobre "a questão do sistema produtivo dos discursos sociais, o qual é, por sua vez, um fragmento do campo de produção social do sentido." Cf. VERÓN, 1980, p. 103.

<sup>12</sup> BAKHTIN, 1979, p. 91.

<sup>13</sup> Michel Foucault aponta, por exemplo, para outras possibilidades de pensar as noções de território e região sem relacioná-las somente ao universo da Geografia. Neste sentido, ele afirma que “o território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder”. Da mesma forma, região seria uma “noção fiscal, administrativa, militar”. FOUCAULT, 1986, p.157.

<sup>14</sup> Este autor apresenta um balanço das diversas concepções associadas à categoria *região*, em que primeiramente ela seria pensada a partir de um critério *natural*. Em um segundo momento, seria associada a uma certa concepção étnica. Ambas seriam superadas pela concepção de *região econômica*, para finalmente começar a ser pensada como um “princípio relativamente abstrato”, como um local de *representações sociais*. Cf. RONCAYOLO, 1986, pp. 161-189.

<sup>15</sup> Beatriz Heredia, ao analisar as definições regionais em áreas de plantio em Alagoas, vai apontar para o perigo de naturalizar o conceito, pelo seu uso frequente, e, como consequência, contribuir “para legitimar determinadas maneiras de pensar e classificar que também se tomam formas “naturais” de ver e observar a realidade”. Por isso, lembra que o conceito de região, “como todo conceito é também objeto de uma construção”, o que vai obrigar, em termos de análise, a uma “desnaturalização”. Cf. HEREDIA, 2001, p. 168.

<sup>16</sup> Paulo Cesar Gomes observa, comparando as duas concepções, a funcionalista e a marxista, sobre região: “É importante perceber aqui o fato de que, embora recusando o funcionalismo como critério para a divisão do espaço, esta nova corrente radical aceita que a região seja um processo de classificação do espaço segundo diferentes variáveis. Em outras palavras, a controvérsia se dá em relação ao conteúdo, ou seja, em relação à escolha dos critérios, a forma de proceder metodologicamente, no entanto, é preservada”. GOMES, 1995, p. 65.

<sup>17</sup> GOMES, *idem.*, p. 67.

<sup>18</sup> Sobre a etimologia da palavra, ver BOURDIEU, 1989, p. 113.

<sup>19</sup> SOUZA, 1995, pp. 78-79.

<sup>20</sup> WEBER, 1944, p. 663.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, p. 158.

<sup>22</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 84.

<sup>23</sup> *Idem.*, p. 87, grifos do autor.

<sup>24</sup> *Idem.*, p. 87.

<sup>25</sup> Sobre o conceito de redes sociais, ver ENNE (2002).

<sup>26</sup> A distinção entre as duas categorias é também explorada por Michel de Certeau, para quem “o espaço é um lugar praticado”. CERTEAU, 1998, pp.202-203.

<sup>27</sup> A mesma idéia associada a território aparece no texto de Marcel Roncayolo, no volume já citado da enciclopédia Einaudi, mas no verbete “Território”, no qual este “identifica-se então com o espaço vivido, subjectivo, reconhecido ao longo de experiências individuais e múltiplas. O conceito de território é substituído, em certa medida, pelo de percepção do espaço.” Cf. RONCAYOLO, M., *op. cit.*, p. 265.

<sup>28</sup> “Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços.” CERTEAU, Michel, *op. cit.*, p. 199. Grifo do autor.

<sup>29</sup> Em 2002, por exemplo, a Via Light já está consolidada e é percebida, na matéria do jornal *O dia*, de 16 de maio, como um fator fundamental na ligação entre o Rio e a região, como demonstram o título “Madureira mais perto da Baixada” e o subtítulo “Prefeitura vai ampliar Via Light. Ligação entre regiões será feita em 15 minutos”. Mais uma vez, uma intervenção urbana alterará o imaginário em termos de distância social entre as duas localidades.

<sup>30</sup> A ampliação do aeroporto também será tema de matéria em *A Gazeta Mercantil* de 17/11/1999, com o título: “Começa a nascer ponte aérea entre Baixada e Rio”.

<sup>31</sup> Na matéria há uma entrevista com o sociólogo e professor José Claudio Souza Alves, autor da tese de doutorado “Baixada Fluminense: a violência na construção do poder”.

Contato:  
- anaenne@gmail.com